

SEQUÊNCIA 2

A mitificação do herói em *Os Lusíadas* e *Mensagem*

Na obra *Os Lusíadas*, do escritor renascentista, o herói da epopeia é apresentado na Proposição (Canto I, est.1-3), na qual o poeta menciona aqueles que se propõe cantar: “[...] o peito ilustre Lusitano, / A quem Neptuno e Marte obedeceram.” A figura do herói épico nacional caracteriza-se, pois, pelos feitos grandiosos, nunca antes realizados por humanos, pela conquista da imortalidade, devido a esses feitos, pela vulnerabilidade dos deuses em relação aos portugueses, num anúncio da ascensão dos homens à condição divina, como acontecerá na Ilha dos Amores, e também pela superação dos heróis das epopeias antigas: “Cesse tudo o que a Musa antiga canta / Que outro valor mais alto se alevanta”.

Na Dedicatória (Canto I, est. 6-18), o poeta dedica o poema a D. Sebastião, reafirmando a natureza histórica do seu canto; com efeito, a epopeia camonianiana não apresenta um carácter lendário como acontecera nas epopeias antigas, à obra do poeta luso está subjacente um fundo histórico – a História de Portugal – que irá adquirir a forma de uma narração épica.

No Consílio dos Deuses no Olimpo (Canto I, est. 19-41), o herói nacional é enaltecido, sobretudo, através da oposição de Baco. Na realidade, o facto de um deus temer que a sua glória seja destruída pelos humanos serve inevitavelmente a construção do herói: “[...] O padre Baco ali não consentia / [...] conhecendo / Que esquecerão seus feitos no Oriente / Se lá passar a Lusitana gente”. Com efeito, para além de todo o mérito dos nautas lusos, que é reconhecido por outros deuses (Vénus, Marte, Júpiter, que, no final da reunião, decide que os portugueses seriam ajudados a alcançar “a terra que buscavam”), é o receio de Baco que engrandece a gente lusa, conferindo-lhe um estatuto que culminará com a superação da própria condição humana realizada pelo “bicho da terra tão pequeno”, frágil e impotente perante as forças cósmicas.

O discurso do Velho do Restelo, ainda que traduza a visão de uma parte dos portugueses, que se opunha à empresa dos Descobrimentos, e a condenação da versão oficial deste empreendimento, pode ler-se como mais um passo na construção do herói nacional. [...]

A obra *Mensagem* contém poemas escritos entre 1913 e 1934, data da sua publicação. Pessoa pensou intitulá-la *Gládio*, depois, *Portugal*; porém, a conselho do seu amigo Cunha Dias, deu-lhe o título *Mensagem*.

Fernando Pessoa acreditava que a regeneração de Portugal implicava, numa atitude patriota, “valorizar em nós o indivíduo que somos”, tentando igualmente a valorização dos “nossos compatriotas”. Assumindo-se como o “Supra-Camões”, o poeta realizou o seu contributo para a reconquista nacional de uma identidade e autoestima perdidas, através da sua obra, propondo-nos um crescimento interior para que, à maneira dos alquimistas, o homem velho pudesse dar lugar ao homem novo.

Mensagem é considerada uma obra épico-lírica, pois constitui a expressão dos sentimentos do autor aliada à mitificação dos heróis nacionais. A génese da obra enraíza nos Descobrimentos portugueses aliados à conquista do conhecimento (os portugueses deram “novos mundos ao mundo”) e no sentimento saudosista que dominava o país e que fizera surgir o mito sebastianista que, após a catástrofe de Alcácer Quibir, impregnara a alma portuguesa. O próprio poeta afirma:

“Temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes fundas
no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois fácil:
não temos que criar um mito senão que renová-lo. [...]”

Mensagem é um texto simbólico e mítico, no qual as figuras históricas cujos feitos foram cantados por Camões, na epopeia nacional, surgem como personagens míticas que funcionam como arquétipos. O herói de *Mensagem* situa-se para além do momento histórico em que a sua ação teve lugar e é a sua dimensão simbólica e mítica que importa enquanto marco na história da Humanidade. Não se trata da divinização do herói, como o fez o poeta renascentista, ainda que os heróis de *Mensagem* surjam igualmente da expressão de um movimento de superação dos limites que caracterizam a própria condição humana, concretizada através do sonho. Existe, na obra, o enaltecimento do espírito de conquista que esteve subjacente à dinâmica das descobertas. Aliás, ao nível da estrutura semântica d'*Os Lusíadas* e da obra de Pessoa, encontramos os mesmos mitos essenciais, com significado simbólico paralelo: o mostrengo é o espelho do Adamastor; as Ilhas Afortunadas são um espaço duplo da Ilha dos Amores, numa constatação de que *"Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena"* (Segunda parte – Mar Português, "Mar Português"); D. Sebastião, por outro lado, é o Desejado, cuja "loucura" se alia à recriação do mito sebastianista.

O herói de *Mensagem* situa-se no domínio da utopia e do esoterismo, do oculto, traduzido no primeiro verso do poema "O Infante" (*"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"*; – Segunda parte, Mar Português), caracteriza-se por uma atitude contemplativa (ao contrário do herói camoniano, que é ativo) e não se define enquanto ser individual. Este funciona como um símbolo e constitui-se a partir da própria essência do povo português, à qual subjaz a capacidade de sonhar, determinada por Deus, e de realizar esse sonho, o que contribui para o enriquecimento da alma humana. O herói torna-se um mito, porque *"O mito é o nada que é tudo"*, pois é o mito que cria a realidade *"E a fecundá-la decorre"* (Primeira parte – Brasão, Os Castelos, "Ulisses").

O herói de *Mensagem* surge da necessidade de combater a estagnação que caracteriza o Portugal do século XX, agrilhado numa paralisação que se tornara crónica, depois de Camões ter avisado os portugueses do perigo do ócio que *"efemina os peitos"*. Com efeito, o país encontrava-se dominado pela tragédia que significou a perda de uma grandiosidade que conquistara outrora e que se havia dissipado nas brumas. Ao período áureo da História da nação sucedera-se o desaparecimento progressivo da glória e do orgulho dos portugueses, invadidos por um sentimento de saudade desse passado e envoltos num nevoeiro que não lhes permitia vislumbrar um tempo futuro que pudesse funcionar como espelho desse período de grandeza. É essa constatação que leva o poeta da *Mensagem* a fazer um apelo aos seus compatriotas, no sentido de iniciarem a sua ação na construção de um novo tempo, a era do Quinto Império, terminando a sua obra com o verso do poema intitulado "Nevoeiro": *"É a hora!"* (Terceira parte – O Encoberto).

O futuro, na obra *Mensagem*, será, assim, um reencontro da Idade do Ouro, um tempo de fraternidade entre todos os homens, num império sem fronteiras terrenas, a que se alia a visão messiânica de Portugal, o rosto da Europa, em contemplação, *"com olhar esfíngico e fatal"* (Primeira parte – Brasão, Os Campos, "O dos Castelos") ligado à ação civilizadora do Ocidente (é de notar que Camões vê Portugal como cabeça da Europa).